

REINTEGRAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO CULTURAL EM RUÍNAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FAZENDA SÃO BERNARDINO, SUAS PATOLOGIAS E POTENCIALIDADES

Natália Maldonado Alves Teixeira¹
natmaldonado@globo.com

Rosina Trevisan M. Ribeiro²
rosinatrevisan@gmail.com

ÁREA: MANUTENÇÃO E RESTAURAÇÃO

Resumo

Às margens da RJ-111, denominada Estrada Federal de Tinguá, a caminho da Reserva Biológica Federal de Tinguá em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil, estão as ruínas do que um dia pôde ser considerado um completo exemplar de fazenda colonial brasileira: a Fazenda São Bernardino. Este artigo se baseia na apresentação da história e importância da Fazenda, originalmente composta por Casa Grande, Senzala e Engenhos, e da atual condição de ruínas do bem, a partir de pesquisas junto ao órgão de proteção, prefeitura e visitas à edificação. É elaborada uma análise patológica, exemplificando um trecho da fachada lateral da edificação da Casa Grande, que apresenta maior risco de colapso, mapeando os danos e resultando em diagnóstico, tendo por objetivo ajudar a compreender melhor como e porque intervir no bem. Datada de 1875, o conjunto arquitetônico da Fazenda foi tombado em 1951 pelo atual IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Desde então, sem receber atitudes de preservação e sofrendo ações de intempéries, sua situação agravou após um incêndio na década de 80. Hoje, em ruínas, algumas paredes que limitam a edificação da Casa Grande e Engenho resistem, revelando seu sistema construtivo em alvenaria autoportante. Parte formadora da história de Nova Iguaçu e admirada pela população, as ruínas assumem hoje caráter educativo e contemplativo. Busca-se então, como resultado deste trabalho, reafirmar a importância de uma intervenção de consolidação e reintegração do patrimônio cultural Fazenda São Bernardino e suas positivas consequências ao bem, à região e àqueles que a habitam.

Palavras-chave: Ruínas

Consolidação
Patrimônio Histórico
Patologias
Restauração

¹ Arquiteta e Urbanista e Mestranda em Projeto e Patrimônio da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

² Arquiteta, D. Sc., Professora do Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura (PROARQ) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)



REINTEGRACIÓN DE UN PATRIMONIO CULTURAL EN RUINAS: LA HACIENDA SAN BERNARDINO, SUS PATOLOGÍAS Y POTENCIALIDADES

Natália Maldonado Alves Teixeira

natmaldonado@globo.com

Rosina Trevisan M. Ribeiro

rosinatrevisan@gmail.com

AREA: MANTENIMIENTO Y RESTAURACIÓN

Resumen

A las márgenes de la RJ-111, camino de la Reserva Biológica de Tinguá en Nova Iguaçu, Río de Janeiro, Brasil, están las ruinas de lo que un día pudo ser considerado un completo ejemplar de hacienda colonial brasileña: Hacienda San Bernardino. Este artículo se basa en la presentación de la historia de la Hacienda, originalmente compuesta por Casa Grande, Senzala y Engenhos, y su actual condición de ruinas, a partir de investigaciones junto al órgano de protección, ayuntamiento y visitas a la edificación. Se elaboró un análisis patológico ejemplificando un tramo de la fachada de la Casa Grande, que presenta mayor riesgo de colapso, mapeando los daños y resultando en diagnóstico, con el objetivo de comprender mejor cómo y por qué intervenir en el bien. Construida en 1875, la Hacienda fue tumbada en 1951 por el actual IPHAN, Instituto del Patrimonio Histórico y Artístico Nacional. Desde entonces, sin actitudes de preservación y sufriendo acciones de intemperies, su situación agravó tras un incendio en la década de los 80. Hoy, en ruinas, algunas paredes que limitan la edificación de la Casa Grande y el Engenho resisten, revelando su sistema constructivo en albañilería autoportante. Parte formadora de la historia de Nova Iguaçu y admiradas por la población, las ruinas asumen hoy carácter educativo y contemplativo. Se busca como resultado de este trabajo reafirmar la importancia de una intervención de consolidación y reintegración del patrimonio cultural Hacienda San Bernardino y sus positivas consecuencias al bien, a la región ya los que la habitan.

Palabras clave: Ruinas

Consolidación

Patrimonio Histórico

Patologías

Restauración

Introdução

É notável, dia após dia, a descaracterização de edificações de importância cultural por má conservação ou descontrole por parte dos órgãos de preservação. Exemplo desse fato, às margens da RJ-111, denominada Estrada Federal de Tinguá (também conhecida por Estrada Zumbi dos Palmares), número 2023, localizada no bairro Iguazu Velho, dentro da Zona Rural São Bernardino, muito próxima à Reserva Biológica Federal de Tinguá, município de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil, estão as ruínas do que um dia foi considerado um completo exemplar de fazenda colonial brasileira: a Fazenda São Bernardino.

O presente artigo apresenta a história do conjunto, a importância das edificações da Fazenda São Bernardino e a atual condição de ruínas do bem tombado. O processo se inicia a partir de pesquisas junto ao IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e observação e registros *in loco*. Como exemplo do estado de conservação da ruína será apresentado o mapeamento de danos de trecho da fachada lateral da Casa Grande da Fazenda, que atualmente apresenta maior risco de colapso no conjunto. Foram realizadas visitas técnicas, observação do uso e apropriação das ruínas por visitantes, elaboração de desenhos para cadastro arquitetônico, relatório fotográfico, identificação dos sistemas construtivos, patologias, e consequente diagnóstico. O objetivo é, através do conhecimento do bem, proporcionar maior compreensão sobre como e porque intervir, com base nos preceitos teóricos acerca da preservação do patrimônio, com ênfase na importância do uso do imóvel para sua preservação futura.

Identificação do Bem: breve histórico

A construção da Fazenda São Bernardino se faz presente e de grande importância na história do desenvolvimento do município no qual se insere. A região que hoje constitui o município de Nova Iguaçu começou a se modificar e sofrer gradativa colonização a partir de 1566. Com o passar do tempo, principalmente em torno do Rio Iguaçu, a região foi se modificando, a população aumentando e surgindo freguesias, destacando-se a de Nossa Senhora da Piedade de Iguaçu, cuja criação data de 1719. A proximidade com cursos fluviais tornava possível a fertilização das terras e o transporte de mercadorias para a cidade do Rio de Janeiro, tornando Nossa Senhora da Piedade de Iguaçu muito próspera e adquirindo sua autonomia no ano de 1833, passando a se chamar Vila de Iguaçu.

A prosperidade da Vila de Iguaçu foi reafirmada quando em 1875, de estilo neoclássico e originalmente de posse do português Bernardino José de Souza e Melo, foi concluída a construção da Fazenda São Bernardino, constituída por Casa Grande, Senzala e Engenhos (Casa de Farinha, Alambique, Engenho de açúcar), grande exportadora de café, açúcar, farinha de mandioca e carvão.

Foi breve o período de tempo em que se mantiveram fortes as atividades na Fazenda São Bernardino, pois logo na última década do século XIX, Vila de Iguaçu teve suas atividades fortemente afetadas pela chegada das ferrovias, decretação de Leis, Proclamação da República, febres, transferência da Matriz Paroquial e da Câmara dos Deputados. Esses e outros acontecimentos culminaram na decadência da Vila de Iguaçu, o que afetou diretamente a existência da Fazenda São Bernardino. Assim, tendo agora toda sua produção voltada apenas para seu próprio sustento, São Bernardino perdia as importantes funções econômicas que possuía originalmente, passando a ser utilizada como casa de campo e caça pelo proprietário Bernardino José de Souza e Melo até o ano de 1917, quando então, ainda em bom estado de conservação, foi vendida a João Julião e Giacomo Gavazzi pelos

herdeiros de Bernardino. Utilizada apenas para a implantação de atividades econômicas de citricultura por Gavazzi, as atividades, com o tempo, perderam força na Fazenda e o próprio Giacomino Gavazzi a saqueou, vendendo quase todos os bens encontrados no conjunto, e a abandonou (1).

De estilo neoclássico, detentora de detalhes importantes para a cultura e história do país, o conjunto arquitetônico, no ano de 1951, por solicitação do prefeito Ricardo Xavier da Silveira, foi tombado pelo antigo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em mau estado de conservação e habitada por descendentes de Gavazzi, no ano de 1975 foi lançado o decreto nº 1459 que dava provisão à desapropriação da fazenda com fins de preservação.

Em meados da década de 1980, a Fazenda São Bernardino, deteriorada pela ação do tempo, mas apresentando boa parte de seu aspecto original, sofreu um incêndio, que destruiu muito do que restara à época do tombamento.

Abandonada após o incêndio, a exposição a intempéries e vandalismo comprometia cada dia mais a integridade do conjunto. A prefeitura do município de Nova Iguaçu então, sob a gestão de Lindbergh Farias (2005-2010), incentivou um projeto de restauração para evitar o arruinamento total do bem, com recurso advindo do IPHAN. De acordo com denúncias de habitantes locais e visitantes, foi verificada que a obra de restauração do bem se constituiu de nada além de poucos escoramentos nas ruínas de São Bernardino.

Hoje, mesmo após toda destruição causada pelo incêndio de 1980 e sofrendo ainda com a ação constante de intempéries, as ruínas da Fazenda São Bernardino não são esquecidas pelos que habitam seu entorno. Inseridas em Zona Rural, é notada na região a presença pontual de bares e pequenos comércios, igrejas, sítios e fazendas voltadas para o lazer e alguns grupos de residências. O fato de estarem implantadas em terreno às margens da RJ111, rota que leva à Reserva Biológica Federal de Tinguá, faz com que as ruínas sejam muito visitadas por curiosos que, em momentos de lazer rumo à Reserva ou aos sítios próximos, acabam parando no caminho para explorá-las. A fim de tirar proveito da beleza das ruínas, aqueles que já conhecem o conjunto o utilizam para ensaios fotográficos e filmagens. Há também, por parte de pesquisadores e historiadores, a organização de visitas guiadas, cuja intenção é divulgar e compartilhar com a população um pouco da história da Fazenda São Bernardino e da região na qual se insere.

Levantamento do estado de conservação

Através das pesquisas e análises realizadas, constatou-se o alto grau de deterioração do patrimônio. Pouco é o que resta da edificação original, já sem cobertura, esquadrias, pisos e revestimentos. A edificação da Casa Grande, originalmente composta por pavimento térreo, segundo pavimento e mirante, já não conta mais com os pavimentos superiores. Da Casa Grande e Engenho, restam algumas paredes que limitam estas edificações e poucas divisões internas. Da Senzala, nada além de uma parede que delimitava o fim da construção e dois pilares de alvenaria restaram. Foi detectado um trecho pertencente à fachada lateral direita da edificação da Casa Grande como o de pior estado e maior risco, apresentando diversas patologias, além de escoramentos em tijolos furados nos vãos das janelas, trecho este escolhido para ser apresentado no presente artigo.

Sistema Construtivo

A atual condição de ruínas do conjunto arquitetônico ajuda a revelar de forma clara seu sistema construtivo, autoportante, em tijolos cerâmicos maciços e argamassa, com paredes de espessura de 45cm, e fundações em pedra. Também em pedra, ainda permanecem no conjunto algumas escadas, soleiras e muros de contenção, além de todo embasamento da edificação da Casa Grande. Nota-se também a existência de algumas peças de madeira, bastante deterioradas, provenientes das esquadrias originais. Através de fotografias antigas do bem (Figura 1) e reportagens de jornais do período anterior ao incêndio, encontradas nos arquivos da Fazenda São Bernardino do IPHAN, pôde-se identificar subsistemas construtivos, empregados originalmente na edificação, que se perderam com o incêndio e continuaram a se perder ao longo dos anos sem as devidas atitudes de preservação (Figura 2).



Figura 1 - Casa Grande São Bernardino, 1950
Fonte: Acervo Arquivo Central IPHAN-RJ, 2017.



Figura 2 - Casa Grande São Bernardino, 2017
Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Em todo conjunto as coberturas eram compostas por estrutura de madeira e telhado cerâmico (Figura 3). As esquadrias, também em madeira, eram simples nas edificações do Engenho e Senzala (Figura 4), enquanto exibiam detalhes na edificação da Casa Grande, havendo diferenciação quanto à forma das esquadrias em um trecho central da fachada principal do casarão.



Figura 3 - Foto do telhado, 1985.
Fonte: Acervo Arquivo Central IPHAN-RJ, 2017.



Figura 4 - Área da senzala, 1985.
Fonte: Acervo Arquivo Central IPHAN-RJ, 2017.

A edificação principal do conjunto, a Casa Grande, segundo registros feitos à época do tombamento, possuía coberturas em estrutura de madeira e telha cerâmica tipo capa e canal. Dotada de platibandas com ornatos estucados, apresentava beirais com telhas



portuguesas esmaltadas em tons de branco e azul. No trecho central da fachada principal, possui vergas em arco pleno, juntamente com as ombreiras e soleira (na porta principal) e peitoril (nas janelas), todos em pedra (Figura 5). As demais esquadrias da fachada principal e restante da edificação, todas com verga reta, ombreiras e peitoril em madeira. As janelas, de madeira, eram compostas por folhas duplas de pinázios com vidros e bandeira fixa com vidraçaria colorida. Janelas de púlpito eram presentes no pavimento superior, se abrindo para sacada própria, com espaço de circulação entre elas formando um balcão com piso de pedra (bacia), reforçado por consolos de pedra e protegido por gradis de ferro. A entrada principal da Casa Grande, com porta em madeira trabalhada, era marcada por marquise e escadaria dupla em pedra com gradis de ferro (Figura 6).



Figura 5 – Fachada. Década de 50.
Fonte: Acervo Arquivo Central IPHAN-RJ, 2017.



Figura 5 – Entrada Principal. Década de 50.
Fonte: Acervo Arquivo Central IPHAN-RJ, 2017.

Internamente, os pisos dos extintos 2º pavimento e mirante da Casa Grande, sua estrutura e as escadas que ligavam os pavimentos eram em madeira. Forros nos tetos eram estucados em alguns cômodos, como na capela, e ornamentados com desenhos de acordo com o ambiente (Figura 7). Havia também forros em madeira, assim como as portas internas da edificação, sem muitos ornatos, apresentando bandeira fixa com vidraçaria colorida (Figura 8).



Figura 7 - Capela. Década de 50.
Fonte: Erich Hess, Arquivo Central do IPHAN-RJ, 2008



Figura 8- Interior Casa Grande. Década de 50.
Fonte: Acervo Arquivo Central IPHAN-RJ, 2017.

Os dados coletados à época do tombamento destacam também que, quanto à pintura, no interior da Casa Grande, as paredes eram caiadas de branco e, na parte externa, a cor original da edificação era amarelo-creme, como destacam pinturas antigas da edificação. Não foram mencionadas as cores da Senzala e Engenho.

Patologias e Diagnóstico

Se destaca, na observação das alvenarias e revestimentos, a presença de deslocamentos, rachaduras, fissuras, lacunas, argamassa diferenciada, argamassa degradada, manchas negras, trechos de cantaria deteriorada, pontos com vegetação e muito grafitismo. Notam-se alguns elementos metálicos oxidados nas peças em madeira da esquadria original, muito deterioradas, e algumas vezes inexistentes. Houve a implementação de tijolos furados em alguns vãos (fechamentos) como forma de contenção e prevenção de desabamentos.

A Figura 9, abaixo, apresenta o mapeamento de danos do trecho da alvenaria que se encontra em pior estado de conservação, como um exemplo do estado geral do nível de degradação que a edificação se encontra.



Figura 9 - Mapeamento de danos, 2017.

Fonte: Figura produzida pela autora a partir de planta de levantamento em arquivo AutoCad.

A causa das patologias observadas é clara, visto que se trata de uma edificação datada de 1875, hoje em estado de ruínas, tendo sido comprometida por um incêndio, onde houve perda de muitos componentes estruturais, e que vem sofrendo dia após dia a ação de intempéries. O bem se encontra exposto direta e diariamente a uma grande variação de temperatura, umidade por precipitações, agentes xilófagos, além de atos de vandalismo, como a ação constante de pichadores. Cabe salientar que a umidade é um dos principais fatores de degradação dos componentes de uma edificação, sendo a causadora de aparecimento de fungos, apodrecimento de madeira e corrosão de elementos metálicos.

Questões teóricas sobre a reutilização da Fazenda São Bernardino

Quando se trata de intervenção em ruínas, não nos parece satisfatório nem o romantismo do preservacionista John Ruskin (2), que exalta a conservação da arquitetura, alegando a restauração ser sinônimo de destruição, nem a completa reconstrução pregada por Viollet Le-Duc (3). Deve-se atentar para a teoria de Cesari Brandi no que se refere a respeitar os monumentos enquanto documentos históricos, sem que através da restauração se crie um falso histórico, “[...] e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo” (4). Quanto à preservação do bem e sua relação com o usuário, “[...] visa-se na realidade preservar-lhe a identidade cultural, pois, ao perder ou ver alteradas expressivas manifestações arquiteturais e paisagísticas, o indivíduo perde também os referenciais que permitem sua identificação com a cidade em que vive [...]” (5).

No atual estado em que se apresenta, de ruínas, o conjunto arquitetônico Fazenda São Bernardino é então portador de novos valores que se diferem do original, sendo estes o contemplativo e o educativo. Constata-se facilmente, através de vivência e observação em visitas ao bem, que as ruínas da Fazenda São Bernardino, além de muito importantes para a memória social, são valorizadas, admiradas e exploradas pela população exatamente por sua condição de ruínas. O bem é um dos locais utilizados como meio de divulgação para turismo do município de Nova Iguaçu e, por iniciativas dos moradores, recebe esporadicamente mutirões de limpeza, organizados através de páginas em redes sociais, a fim de minimizar o aspecto de abandono da região, evidenciando o carinho e cuidado da população com o patrimônio.

Este estudo, como parte de um trabalho em andamento, buscou contribuir para ampliar o conhecimento a respeito do bem, analisando a atual situação do estado de conservação da Fazenda São Bernardino e abrindo caminho para que sejam estudadas possibilidades de intervenção no patrimônio, bastante degradado. Se “para bem restaurar é necessário amar e entender o monumento, seja estátua, quadro ou edifício, sobre o qual se trabalha [...].” (6), para dar início a qualquer atitude de intervenção no bem, o qual se insere em uma determinada região e é parte do cotidiano de um povo, também é necessário compreender e atentar para as necessidades e anseios daqueles que dele o usufruem e usufruirão futuramente. Em relação à questão do uso da edificação, Cyro Lyra (7) diz que “a readaptação, na maioria dos casos, porém, é a condição para sobrevivência do edifício quando sua função original desaparece ou quando as características de sua arquitetura já não mais satisfazem às necessidades e exigências da sociedade”. Através da intervenção devem ser fortalecidos os laços de interação indivíduo-patrimônio, não o contrário.

Considerações Finais

Após o estudo detalhado da Fazenda São Bernardino e o diagnóstico de suas patologias, verifica-se que é necessária uma intervenção minuciosa no patrimônio, visando resgatar sua condição física, recuperando as alvenarias restantes através de intervenções conservativas e consolidação de partes degradadas, visando a preservação do que ainda resta da edificação para as gerações futuras.

Levando-se em conta então o atual estado em que se encontram as ruínas da Fazenda São Bernardino e toda sua relevância cultural, a fim de promover e proteger o espírito do lugar, com base no que trata a Declaração de Québec (2008) (8) sobre a preservação do “*Spiritu loci*”, se mostra interessante, como uma das possíveis soluções de intervenção no



patrimônio, tratá-lo como ruínas. Mesmo com o fato de o conjunto ser tombado pelo IPHAN enquanto edificação completa, as ruínas são a forma como São Bernardino tem se feito presente no cotidiano de grande parte da população há muitos anos e única forma pela qual as gerações mais novas a conhecem e admiram.

Ruínas em geral, como fragmento de arquitetura existente em época anterior, são dotadas de beleza e capazes de despertar sensações no observador tal qual uma obra de arte. Tratam-se de espaços de memória, patrimônio cultural de determinada população (9).

Reafirma-se então ser fundamental que os anseios e costumes da população sejam incorporados no ato da restauração, ou seja, deve ser levada em consideração a melhor solução tanto para o bem tombado quanto para a população que usufrui e usufruirá do patrimônio no futuro, dando-lhe um uso compatível com as necessidades da sociedade e do local em que o bem está inserido, e visando sua preservação como testemunho da história da cidade e do país.

Bibliografia

- (1) ARANHA, Nelson. **Fazenda São Bernardino**, UFF, Rio de Janeiro, [20--?]. Disponível em: <<http://www.uff.br/curias/sites/default/files/texto004nelson.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2017.
- (2) RUSKIN, John. **A lâmpada da memória**. Trad. Maria Lucia Bressan Pinheiro. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2008.
- (3) VIOLLET LE DUC, E. **Restauração**. Trad. Beatriz M. Kuhl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- (4) BRANDI, C. **Teoria da restauração**. Trad. Beatriz M. Kuhl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- (5) LIMA, Evelyn Furquim Werneck. Preservação do patrimônio: uma análise das práticas adotadas no centro do Rio de Janeiro. Patrimônio: **Revista eletrônica do IPHAN**, Brasil, ano 1, n. 2, 2005. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/preservacao_do_patrimonio.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2017.
- (6) BOITO, Camillo. **Os restauradores**. Trad. Paulo e Beatriz M. Kuhl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- (7) LYRA, Cyro Corrêa. A importância do uso na preservação da obra de arquitetura. **Revista Arte & Ensaios**, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA - UFRJ, Rio de Janeiro, 2006, n. 16, 2006. Disponível em: <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae13_cyro_lyra.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.
- (8) ICOMOS, Conselho Internacional de Monumentos e Sítios. **Cartas patrimoniais**. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://www.icomos.org/en/charters-and-other-doctrinal-texts>>. Acesso em: 17 nov. 2017.
- (9) RIBEIRO, Rosina Trevisan M.; NÓBREGA, Claudia C. L. (Orgs) **Projeto e Patrimônio: reflexões e aplicações**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016.